

Moçambique: uma boa oportunidade!

Pedro Santos, Pedro Falcato, Rui Almeida, Luís Mira
CONSULAI . www.consulai.com

Depois de sair de uma guerra civil, em 1994, como um dos países mais pobres do mundo, Moçambique tornou-se um dos países com maior crescimento no Mundo.

A agricultura é um setor-chave da economia moçambicana, sendo responsável por praticamente 25% do total do PIB, 20% das receitas de exportação, e 80% do emprego. No entanto, Moçambique tem uma das mais baixas produções agrícolas em África.

O fraco desempenho, passado e atual, do setor agrícola não reflete o elevado potencial existente. Na verdade, Moçambique é abundante em terra e tem das condições mais favoráveis para a agricultura na África Subsaariana. Podendo ser esta uma análise um pouco redutora, mas o fraco desempenho da agricultura no país deve-se, essencialmente, a:

1. Deficit de desenvolvimento como consequência direta da guerra civil;
2. Uma estratégia de crescimento focada em “megaprojetos”; e
3. Um fraco envolvimento do setor público no desenvolvimento do sector agrícola.

Esta terceira explicação é refletida nas limitações que enfrentam os pequenos agricultores em Moçambique – muitos dos quais poderiam ser minorizadas através de intervenções políticas integradas. Estas limitações incluem, entre outros, a ausência de um sistema de investigação e extensão rural nacional eficaz; infraestruturas inadequadas, particularmente em estradas rurais e uma fraca oferta de fatores de produção “modernos” (ex: fertilizantes e sementes melhoradas).

O tecido produtivo pode ser dividido em duas partes. Por um lado, existem os pequenos produtores, que compõem a grande maioria dos agricultores do país e que dependem fortemente de um nível tecnológico muito baixo para a produção de culturas alimentares, principalmente para subsistência. Por outro lado, existe um conjunto de poucos, mas grandes, agricultores profissionais, com recurso a níveis de tecnologia moderna, que produzem produtos para exportação, como a cana-de-açúcar ou

tabaco. Em alguns casos, existem modelos de integração vertical entre estes dois grupos de produção, na grande maioria apoiada por programas de fomento com fundos nacionais ou de dadores internacionais, que permitem o envolvimento dos pequenos produtores em cadeias de abastecimento de culturas para exportação, como acontece em alguns projetos de algodão. Estes esquemas passam por fomentar a entrega de fatores de produção modernos aos pequenos agricultores em troca de um compromisso de compra da produção a preços acordados. As culturas de referência em Moçambique são o milho e a mandioca, que são responsáveis por cerca de dois quintos do PIB agrícola. Existem outros cereais com grande importância, mas cuja produção está concentrada em certas regiões subnacionais. Por exemplo, o arroz é cultivado principalmente nas duas províncias centrais da Zambézia e Sofala, enquanto o sorgo é cultivado mais intensamente nas províncias do norte.

“Moçambique é atualmente um dos países africanos mais seguros e as condições para fazer negócios estão a melhorar diariamente. Com o desenvolvimento de grandes projetos nos setores energético e das minas também são esperadas externalidades que potenciam os investimentos no setor da agricultura.”

As culturas para exportação também têm uma distribuição muito concentrada. Por exemplo, o chá é cultivado em Manica, tabaco em Niassa e Tete, e cana-de-açúcar junto a Maputo.

Muitas dessas culturas estão integradas em fileiras, ainda com grandes fragilidades, como a moagem ou a indústria refinadora de cana. No seu conjunto, a agroindústria contribui com cerca de 6% para o PIB nacional e 5% das exportações.

Apesar da importância do setor, a grande maioria das terras agrícolas em Moçambique ainda não estão aproveitadas: apenas 10% (cerca de 50 milhões de hectares) da área com potencial agrícola é atualmente utilizada. Além disso, Moçambique tem um enorme potencial de irrigação não aproveitado: menos de 20% dos mais de 3 milhões de hectares com potencial para irrigação estão atualmente a ser explorados. De entre

os 15 países da SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, que representa um mercado potencial de 250 milhões de consumidores), Moçambique é um dos países com mais terras disponíveis para o desenvolvimento da agricultura, o que demonstra cabalmente o enorme potencial para o investimento neste setor.

A situação económica, social e política é também uma das mais promissoras na África. Moçambique é atualmente um dos países africanos mais seguros e as condições para fazer negócios estão a melhorar diariamente. Com o desenvolvimento de grandes projetos nos setores energético e das minas também são esperadas externalidades que potenciam os investimentos no setor da agricultura.

Apesar do badalado dinamismo e crescente entusiasmo no país, a análise das oportunidades de investimento deve ser clara e objetiva. No apoio que prestamos aos nossos clientes, começamos sempre por alertar que Moçambique é ainda um dos países mais

pobres do mundo, onde a ineficiência, a informalidade e a burocracia ainda são grandes limitações para desenvolver um negócio. As infraestruturas ainda são limitadas (o acesso a algumas partes do país é difícil), há poucos serviços de apoio disponíveis, e as cadeias alimentares ainda estão mal estruturadas. O desenvolvimento de um investimento agroalimentar em Moçambique é necessariamente uma atividade arriscada, sem benchmarking fiável. Além disso, “os direitos de uso da terra” também são uma questão importante, que tem de ser tratada com cuidado na hora de investir no setor.

Para quem quiser ter uma primeira impressão do potencial do país pode aproveitar a realização nos dias 5 e 6 de março, em Maputo e na Beira, o “1.º Fórum Agro-indústria Moçambique”, numa organização da AIP com um vasto conjunto de parceiros, onde lá nos encontraremos. ☺